

“Nebulosa e retumbante”: notas sobre as *Badaladas do Dr. Semana*

VICTOR DA ROSA *

RESUMO: O presente artigo se propõe a refazer a trajetória editorial das crônicas publicadas originalmente na coluna “Badaladas” da revista *Semana Ilustrada* (1860-1876) sob o pseudônimo Dr. Semana. Em ocasião do recente lançamento de *Badaladas do Dr. Semana*, volume organizado por Sílvia Maria Azevedo no qual defende a atribuição de grande parte da série a Machado de Assis, o artigo procura responder como a pesquisadora desafia, com tal atribuição, alguns dos nomes consolidados da crítica machadiana, a exemplo de Lúcia Miguel Pereira, José Galante de Sousa e Raimundo Magalhães Júnior. Mas também como a pesquisadora se vale de uma série de pistas e de procedimentos de atribuição autoral que estes mesmos críticos deixaram como legado. No caso dessas “Badaladas”, as duas principais complicações para uma atribuição segura da autoria se referem, por um lado, à escassez, ou quase inexistência, de provas materiais que liguem Machado de Assis a esse grande conjunto de textos, assim como pela natureza do pseudônimo Dr. Semana, que era usado não só pelo autor de *Dom Casmurro*, mas por diferentes cronistas do periódico, controvérsia que é tratada pelo artigo em segundo momento, com o auxílio de depoimentos de outros pesquisadores machadianos, como John Gledson e Lúcia Granja.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria; Crônica; Machado de Assis; Pseudônimo.

ABSTRACT: This article proposes an editorial rebuilding on the chronicles originally published in the *Semana Ilustrada* (1860-1876) magazine's column "Badaladas" under the pseudonym Dr. Semana (Dr. Week). By the recent launching of *Badaladas do Dr. Semana* (*Dr. Semana's Badaladas*), a volume organized by Sílvia Maria Azevedo that defends a large part of the serie's autorship to be attributed to Machado de Assis, the article seeks to respond how, by doing so, Azevedo challenges some of the most consolidated scholars in Machado's studies, as Lúcia Miguel Pereira, José Galante de Sousa and Raimundo Magalhães Júnior. At the same time however, Azevedo makes use of several clues and procedures for autorship application that these very same researchers developed and left by as a legacy. In this particular Badaladas' case, the two main intricacies for an ultimate autorship attribution are the almost non existence of material evidence to link Machado de Assis to this large set of texts, as well as the nature of the pseudonym Dr. Semana, which was used not only by *Dom Casmurro's* author but also by other writers of the same magazine. The pseudonym controversy is adressed in a second moment of this article with the aid of other Machado's researchers works, such as John Gledson and Lúcia Granja.

KEYWORDS: Authorship; Chronicle; Machado de Assis; Pseudonym.

* Departamento de Letras – Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – 35420-000 – Ouro Preto – MG – Brasil. E-mail: victordarosa@gmail.com

Introdução

Dr. Semana foi um pseudônimo frequente da *Semana Ilustrada*, revista voltada a charges, caricaturas e sátiras políticas de meados do século XIX, que no dia 20 de junho de 1869 anuncia a mudança do nome da sua coluna para “Badaladas”, em referência a uma campanha até hoje usada na sede do Senado e que era, como diz o próprio colunista, “o símbolo do parlamentarismo” e do “sistema representativo” (ASSIS, 2019, p. 56). Em justificativa logo na estreia da nova coluna, Dr. Semana argumenta que “cada homem deve ser do seu tempo”, e que “a [nossa] época é parlamentar” (ASSIS, 2019, p. 56). E por meio de um raciocínio que soa familiar aos leitores mais habituais de Machado de Assis, lembrando por exemplo o célebre conto “Uma visita de Alcibíades”, o colunista questiona e conclui: “Que diriam de um homem que, no tempo de calção e meia, usasse calça moderna, ou fosse apertar a mão do visconde de Jequitinhonha envergando a túnica de Catão? Era um disparate” (ASSIS, 2019, p. 56).

A mesma coluna, que recebeu diversos títulos ao longo da história do periódico, como “Contos do Rio de Janeiro”, “Cousas e lousas”, “Memórias da Semana”, “Crônicas da Semana”, “O que há de novo?” e “Pontos e Vírgulas”, embora sempre assinada com o mesmo pseudônimo, agora teria um nome mais bem-humorado e à moda do tempo – mais galante e mais novo, diria Brás Cubas. “Se a época é de campanha, por que não darei eu badaladas todas as semanas?”, pergunta o cronista em tom de galhofa (ASSIS, 2019, p. 56).

Para a pesquisadora Sílvia Maria Azevedo, a alteração do nome da coluna do Dr. Semana vem acompanhada de outra mudança até então não enfrentada em toda a sua complexidade e alcance por críticos e editores machadianos, e bem mais significativa para a história da literatura nacional: com as “Badaladas”, a coluna passava a ser assumida pelo próprio Machado. Foi esta percepção de Azevedo, nascida de uma longa controvérsia da crítica machadiana em torno da autoria e da edição desses textos, que levou a pesquisadora a se debruçar durante pelo menos três anos sobre o material, período durante o qual contou com uma bolsa do CNPq, e analisar cada uma das crônicas, ao todo mais de trezentas – a coluna “Badaladas” duraria sete anos, até o fim da *Semana Ilustrada*, que acabou em 1876¹.

O resultado da pesquisa são dois livros de aproximadamente 1600 páginas lançados em 2019, que contam com todas as crônicas atribuídas a Machado, além de uma longa introdução de Azevedo, assim como notas de rodapé explicativas, detalhados índices onomásticos e tabelas com marcas textuais (internas e externas ao texto) que apresentam uma série de “provas” de autoria (AZEVEDO, 2019, p. 9). As aspas são da própria pesquisadora.

¹ Após o fim da *Semana Ilustrada*, o editor da revista passa a publicar outro periódico ilustrado, a *Ilustração Brasileira* (1876-1878), na qual Machado de Assis, como Manassés, assina a seção “História de Quinze Dias” e “História de Trinta Dias”. Em relação à *Ilustração Brasileira* e às crônicas de Manassés, Sílvia Maria Azevedo publicou dois livros antes das *Badaladas do Dr. Semana*, que são os seguintes: *Brasil em imagens: um estudo da revista Ilustração Brasileira (1876-1878)* e *História de Quinze Dias, História de Trinta Dias: crônicas de Machado de Assis - Manassés*.

Breve história de uma controvérsia

A atribuição da autoria das “Badaladas” a Machado de Assis, na verdade, não chega a ser uma descoberta totalmente nova de Silvia Maria Azevedo, pois algumas crônicas inclusive já apareceram em edições em livro, como é o caso do problemático volume das obras completas de 1937, da Jackson, onde foram publicados onze desses textos, além de um conjunto ainda maior das “Crônicas da Semana” assinadas com o mesmo pseudônimo (ASSIS, 1937)². Mas foram publicados sem qualquer justificativa consistente, conforme indicam os comentários de especialistas feitos ao longo do século XX, a exemplo de Lúcia Miguel Pereira, José Galante de Sousa e Raimundo Magalhães Júnior, três figuras-chave da crítica machadiana para entender a longa controvérsia em torno da autoria das “Badaladas”. Em uma “Nota dos Editores” sumária, que se repete nos quatro volumes das edições Jackson, os organizadores constataam que “nas ‘Badaladas’, da *Semana Ilustrada*, bem como nas ‘Balas de Estalo’, da *Gazeta de Notícias*, colaboravam várias penas”, e se resumem a argumentar, em uma construção sintática contraditória nela mesma, que reuniram as crônicas “que, pelo estilo, nos pareceram, evidentemente, de Machado de Assis” (ASSIS, 1937, s/p). Se apenas “pareceram” de Machado, como poderia ser tão evidente?

A inclusão das “Badaladas” nas obras completas inaugurou uma controvérsia que duraria décadas, a começar pela decisão de José Galante de Sousa – que foi, como se sabe, um reconhecido e criterioso pesquisador de Machado – de questionar tal atribuição em sua *Bibliografia de Machado de Assis*, publicada em 1955 e que logo se tornou um dos guias mais seguros ao nortear praticamente todas as edições seguintes das obras do autor. Sobre as “Badaladas”, Galante chegou a argumentar que seria “imprudente” atribuí-las a Machado – “sem um exame sério e metuculoso do estilo” (SOUSA, 1955, p. 434) – por conta de dois motivos principais: 1) o pseudônimo Dr. Semana teria sido usado por diversos colaboradores do periódico; e 2) não haveria prova material que ligasse diretamente o autor de *Dom Casmurro* àqueles textos, com exceção de um caso ou outro – em três crônicas, por exemplo, o próprio diretor do periódico, Henrique Fleiuss, chegou a identificar a autoria de Machado escrevendo a lápis as iniciais do autor em uma das coleções da *Semana Ilustrada* conservada então no Instituto Histórico (SOUSA, 1955, p. 434).

Em suas notas, Galante traz ainda outras informações importantes tanto sobre a *Semana Ilustrada* quanto sobre as “Badaladas” e o pseudônimo Dr. Semana: 1) identifica a edição exata em que a coluna “Badaladas” é anunciada; 2) reconhece no periódico outros textos de autoria de Machado, alguns deles, mas não muitos, assinados com seu próprio nome ou suas iniciais; 3) reconhece também que Machado colabora para a revista desde o primeiro número, publicado em 16 de dezembro de 1860, com um poema intitulado “Perdição”; e 4) encontra um importante artigo do escritor e jornalista Max Fleiuss, filho do diretor da revista, publicado já em 1915, em que Fleiuss comenta: “Foi propriamente na *Semana Ilustrada* que

² Os textos “Chronicas da Semana”, de 1861 a 1864, publicadas no v.1 da Jackson, constam das páginas 169 a 300; enquanto As “Badaladas”, que aparecem no v.3, ocupam menos espaço, iniciando na página 9 até a 70, com textos de 1871 a 1873.

Machado de Assis conquistou, com a maior galhardia, os foros de cronista, escrevendo as *Badaladas da Semana*, e assignando-as Dr. Semana” (FLEUISS apud SOUSA, 1955, p.24–25). Se o comentário de Fleiuss dá a entender, como percebe Galante de Sousa, que a totalidade dessas crônicas pertence a Machado, o próprio estudioso permanece reticente quanto a isso, e termina por deixar esta série de fora do índice cronológico do autor fluminense, sugerindo então que “os mais argutos” tenham “o prazer de resolver o problema” (SOUSA, 1955, p. 434). Foi o que Sílvia Maria Azevedo, sessenta anos depois, se propôs a fazer.

Antes de Galante de Sousa, em 1936, pouco antes das obras completas lançadas pelas edições Jackson, Lucia Miguel Pereira já havia mencionado, em seu conhecido estudo biográfico de Machado de Assis, as colaborações do autor na *Semana Ilustrada* assim como o pseudônimo Dr. Semana, sendo uma destas menções de grande importância: de acordo com a crítica, o pseudônimo escondia os nomes de escritores como Pedro Luís, Varejão, Felix Martins, Quintino Bocaiúva e “vários outros” (PEREIRA, 1955, p. 94), o que se apresentou como um dos principais complicadores para a atribuição da autoria. Em nota de rodapé, a crítica esclarece que se baseia também em informação de Max Fleiuss, ao que parece privada.

Outro biógrafo de Machado de Assis, Raimundo Magalhães Júnior, que foi um profícuo pesquisador das fontes do autor, tendo reunido dezenas de coletâneas a partir dos anos 1950 com textos esparsos de Machado, contribuiria também, e em vários momentos de seus estudos, para manter o interesse da crítica em torno deste material em específico. No ano de 1958, o pesquisador reúne um conjunto de contos e crônicas com vinte e duas “Badaladas”, publicadas entre 1869 e 1873, e dez “Pontos e vírgulas”, também retiradas da *Semana Ilustrada*, de 1867 a 1869, além de folhetins originalmente publicados no mesmo periódico, como “O Tobias e o Teles”, descrito por Magalhães Júnior como uma “novela humorística” (MAGALHÃES, 1958, p. 8). Além da reunião das “Badaladas”, a mais volumosa até então, a edição conta com um prefácio do crítico e com algumas notas em que estabelece certos critérios para atribuição de autoria e tece críticas ao organizador das mencionadas obras completas machadianas de 1937, na qual, segundo Magalhães Júnior, “há umas duas ou três dezenas de páginas que, não resta dúvida, foram atribuídas a Machado, sem qualquer fundamento idôneo”. Pelo contrário, argumenta ainda que “tudo nelas grita e indica a falsa atribuição” (MAGALHÃES, 1958, p. 12).

A principal justificativa de Magalhães Júnior para atribuição autoral de um conjunto de “Badaladas” a Machado de Assis, além de poucas delas serem assinadas com pseudônimos reconhecidamente machadianos, liga-se a uma observação de fundo estilístico: a de que Machado era um “repetidor”. Conforme argumenta o crítico sobre o estilo machadiano: “Uma de suas características, como demonstramos exaustivamente em ‘Machado de Assis Desconhecido’, era a repetição, de citações, imagens, conceitos e temas” (MAGALHÃES, 1958, p. 9). E ainda esclarece: “Recolhemos apenas as [crônicas] que eram assinadas com pseudônimos notórios de Machado de Assis, ou que pelo assunto, estilo, ou certas citações, de que usou e abusou, são visivelmente de sua autoria” (MAGALHÃES, 1958, p. 11). Em suma, o procedimento de Magalhães Júnior foi o seguinte: no caso de aparecer citado, em alguma das crônicas a princípio sem autoria das “Badaladas”, um trecho específico da *Ilíada*

que seria também citado em outros textos comprovadamente machadianos, ou mesmo um tema marcante, ou ainda um trocadilho, então teríamos uma prova de que a crônica foi escrita por Machado. Em todas as “Badaladas” que são reunidas pelo crítico nesta edição aparecem notas de rodapé dessa natureza, explicitando as repetições, que funcionariam como provas. No mesmo prefácio, Magalhães Júnior termina por indicar que na “*Semana Ilustrada* (...) haverá ainda dezenas de crônicas de Machado de Assis, à espera de identificação” (MAGALHÃES, 1958, p. 12).

Finalmente, na edição mais recente das obras completas, os organizadores resolveram ignorar tanto a edição da Jackson quanto também – o que talvez merecesse melhor explicação – as edições organizadas por Raimundo Magalhães Júnior, assim como outras informações coletadas em sua volumosa biografia³, fiando-se inteiramente às escolhas de José Galante de Sousa, e sendo assim toda a seção das “Badaladas” ficou de fora da edição mais recente, conforme se lê na nota de abertura: “A seção *Badaladas*, publicada entre 1869 e 1876 na *Semana Ilustrada*, não foi incluída, mais uma vez respeitando os critérios de Galante, uma vez que sob o pseudônimo coletivo ‘Dr. Semana’ escondiam-se vários autores” (ASSIS, 2008, p. IV).

De maneira que a presente edição das *Badaladas* organizada por Sílvia Maria Azevedo, ao desafiar nomes consolidados da crítica machadiana, também deve sua existência à longa história dessa controvérsia que deixou uma série de pistas e mesmo de procedimentos de atribuição autoral. Afinal, além do próprio exame estilístico, proposto já por José Galante de Sousa em 1955, a pesquisadora se vale também da técnica usada de modo recorrente por Raimundo Magalhães Júnior para fixar parte das “Badaladas” em *Contos e crônicas*, de 1958, assim como de outros indicadores autorais – que, no entanto, no presente caso, são aplicados de modo mais coeso e exaustivo, conforme a própria Azevedo esclarece na apresentação:

A metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho consistiu na leitura sequencial das crônicas, a partir da qual foram identificados traços recorrentes em relação a temas, referências históricas, culturais e literárias, citações, recursos estilísticos. Por sua vez, o levantamento dessas constantes foi cruzado com a leitura de outros textos machadianos (crítica literária, teatral, crônica, teatro, tradução, contos, romances), publicados em período correspondente àquele das *Badaladas*, como também em época anterior e posterior às mencionadas crônicas. Por fim, dados referentes à vida de Machado foi outro recurso metodológico que permitiu esclarecer certas alusões biográficas, por vezes obscuras, presentes nas *Badaladas* (AZEVEDO, 2019, p. 8-9).

³ Nos dois primeiros volumes da biografia de Raimundo Magalhães Junior há dezenas de referências e comentários tanto à publicação *Semana Ilustrada* quanto ao pseudônimo Dr. Semana, alguns dos quais inclusive corrigindo a omissão de José Galante de Sousa, como neste caso: “Os primeiros desses artigos saíram na *Semana Ilustrada*, a partir de 5 de setembro de 1869, sob o pseudônimo Gil, e se ocupavam do livro de versos *Nuvens da América*, do autor paulista Martins Guimarães. Esses e os seguintes não foram assinalados na Bibliografia de Machado de Assis, de José Galante de Sousa, nem recolhidos nos *Dispersos* por Jean-Michel Massa. Tampouco assinalou José Galante de Sousa a publicação, na *Semana Ilustrada*, a 30 de janeiro de 1870, de uma pequena nota de crítica sobre o livro de Moreira de Azevedo intitulado *Mosaico brasileiro*, coleção de pequenas biografias, casos curiosos e anedotas” (MAGALHÃES, 2008, v. II, p. 106-107).

Provas e contraprovas

No caso dessas “Badaladas”, como já foi mencionado, as duas principais complicações para uma atribuição segura da autoria se referem, por um lado, à escassez, ou quase inexistência, de provas materiais que liguem Machado de Assis a esse grande conjunto de textos; e, por outro, à natureza do pseudônimo Dr. Semana, que era usado não só pelo autor de *Dom Casmurro*, mas por diferentes cronistas da *Semana Ilustrada*, de 1860 a 1876. Daí a organizadora do volume ter se valido de um conjunto de métodos alternativos, alguns exaustivos, como cruzar citações, temas e personagens das “Badaladas” com outras crônicas de Machado e textos de outros gêneros do autor, em diferentes momentos da sua trajetória. Tais métodos aparecem descritos em grandes tabelas ao fim de cada edição, divididas em marcas de autoria interna e externa.

Por exemplo, esta frase do visconde de Jequitinhonha, figura de destaque da política brasileira do século XIX, que é citada em uma “Badalada” de 1869: “Recolha o seu riso, Sr. Senador!”. A mesma imagem reaparece tanto no conto “Ernesto de Tal”, de 1873, quanto em outra crônica de Machado, “O velho Senado”, publicada na *Revista Brasileira* em 1898 (ou seja, quase trinta anos depois) e de autoria comprovada. Esta repetição seria uma “prova” de que a tal crônica do Dr. Semana foi escrita por Machado de Assis. No caso do senador Manuel Dantas, outra figura importante da política brasileira de então, ele é mencionado em diversas “Badaladas” sempre por meio da mesma sentença, que aparece em pelo menos três crônicas desse período, de 1869 a 1871: “As coisas da Igreja não devem sair à rua e as coisas da rua não devem ir à Igreja”. Fora desse conjunto, a mesma frase se repete na coluna “A Semana” da *Gazeta de Notícias* de 9 de fevereiro de 1896, também de autoria comprovadamente machadiana. E há dezenas de exemplos como este, resultado de pesquisa demorada e minuciosa, que exigiu anos de trabalho de Silvia Maria Azevedo, assim como uma longa convivência com a obra e a dicção de Machado, já que a pesquisadora estuda a obra do autor desde sua tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo em 1990.

O crítico John Gledson, um dos estudiosos machadianos responsáveis por redimensionar a importância das crônicas do autor fluminense desde pelo menos meados dos anos 1980 quando publicou *Machado de Assis: ficção e história*, diz por meio de mensagem eletrônica que a publicação destas crônicas

é uma façanha, e importantíssima para o estudo do autor, pois os textos são cuidados, têm notas, que às vezes poderiam explicar mais, mas é pedir muito. Tem também uma introdução útil que aborda algumas questões recorrentes da série, como o anticlericalismo dos primeiros anos de Machado, as paródias da literatura de péssima qualidade que se publicava, citações de Shakespeare e Molière, entre outros temas. Se todos os textos forem realmente de Machado de Assis, ou mesmo uma proporção grande, aumentaria aproximadamente de seiscentos a novecentos o número de crônicas que temos do autor (GLEDSON, 2019)⁴.

⁴ Este depoimento e os depoimentos seguintes de John Gledson foram enviados por e-mail em 15 de outubro de 2019.

No mesmo depoimento, Gledson diz acreditar que a edição também colabora para o estudo da biografia, das opiniões políticas e até religiosas de Machado, assim como das suas fontes e do seu desenvolvimento artístico. “A publicação faz parte de um movimento crescente da pesquisa e das edições do seu jornalismo, e, sobretudo, da publicação de boas edições dessa parte da sua obra, que ajudam a entender a carreira, a personagem e a obra do autor” (GLEDSON, 2019), destaca o crítico, que no momento está editando as crônicas de “A Semana”, de 1895, que serão publicadas em breve, com anotações, em uma revista acadêmica.

Mas o crítico chama a atenção também a outros aspectos controversos da edição: “Além de o pseudônimo Dr. Semana ser coletivo, as Badaladas eram compostas de itens mais ou menos independentes, e me parece que nada impede que vários autores contribuíssem para a mesma crônica” (GLEDSON, 2019). O crítico questiona finalmente o critério estilístico sugerido pelo próprio Galante – sendo um dos critérios usados na presente edição, entre outros – quando insiste em um estudo sério e meticuloso do estilo. “Honestamente, não sei como é possível satisfazer este critério. Creio que Galante, influenciado pelo momento na crítica literária, a estilística, talvez achasse que houvesse um jeito ‘científico’ de atribuir autoria. Duvido bastante” (GLEDSON, 2019). Ou seja, Gledson acredita que, por mais meticulosa que seja a análise estilística, jamais será suficiente para provar a autoria desta ou daquela crônica, e lembra ainda que a própria Silvia Maria Azevedo reconhece que algumas crônicas da série “Badaladas” não são de Machado, o que aumentaria a incerteza. “Existem alguns textos da série ‘não atribuídos’... Isso não colocaria todos em dúvida?”, questiona (GLEDSON, 2019).

Lucia Granja, uma das principais especialistas das crônicas de Machado, lembra que a tarefa da pesquisadora Silvia Maria Azevedo é “ambiciosa e arriscada” justamente porque desafia grandes nomes da crítica machadiana assim como os seus projetos editoriais de maior relevo, sendo os principais já comentados ao longo deste artigo, e comenta sobre as vantagens e eventuais desvantagens da nova edição:

As vantagens da tarefa são evidentes: a metodologia pode ser estendida indefinidamente pela organizadora do volume e por outros estudiosos da obra de Machado de Assis, juntando-se “provas” e “contraprovas” da autoria aos textos, o que ilumina tanto as crônicas quanto os outros textos machadianos em que o escritor abordasse os mesmos trechos e assuntos. A desvantagem seria aumentar a lista das obras completas de Machado com algum engano de atribuição de autoria. Na falta de “provas materiais” da autoria machadiana, sem dúvida, um passo importante para voltar a soar o sino do jornalismo machadiano é a possibilidade de, no mínimo, recolocar no centro do debate esses textos⁵.

Seja como for, tanto Gledson quanto Granja concordam que o mais importante é que o livro apresenta uma base muito bem estabelecida e critérios consistentes, embora nem sempre definitivos, para auxiliar nesse julgamento.

⁵ Este depoimento de Lucia Granja foi enviado por e-mail em 13 de outubro de 2019. Sobre a história da edição das crônicas de Machado, ver o seguinte artigo da pesquisa: “Das páginas dos jornais aos gabinetes de leitura: rumos dos estudos sobre as crônicas de Machado de Assis”. *Teresa*, n. 6-7, 2005, p. 385-399. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116632>. Acesso em: 3 mar. 2020.

Outras provas (biográficas)

Aos 30 anos de idade, às vésperas do matrimônio com Carolina Augusta, com quem se casaria em novembro daquele mesmo ano de 1869, e com alguns problemas financeiros, como provam as cartas que chegou a enviar a amigos pedindo dinheiro emprestado, Machado de Assis teria assumido o pseudônimo do Dr. Semana também com este intuito: para ter uma fonte extra de renda. De acordo com os biógrafos, na ocasião o escritor contava com um emprego modesto de ajudante do diretor no *Diário Oficial* e com colaborações esparsas em outro periódico, o *Jornal das Famílias*. De acordo com Lúcia Miguel Pereira, o diretor da *Semana Ilustrada*, Henrique Fleiuss, amigo de Machado, “homem generoso e serviçal”, foi quem deu de presente ao escritor o seu enxoval (PEREIRA, 1955, p. 116).

O novo nome da coluna também delimitava um assunto caríssimo ao cronista Machado de Assis: a política. De 1860 a 1861, aos vinte e poucos anos de idade, o escritor atuou como uma espécie de repórter de política do *Diário do Rio de Janeiro*, quando assistia às sessões tanto do Senado quanto da Câmara. A política era, portanto, um assunto que conhecia bem. Mas uma das grandes novidades das “Badaladas”, de acordo com a organizadora do volume, consiste na “perspectiva satírica que o escritor imprime àqueles temas, em consonância com o perfil da *Semana Ilustrada*” (AZEVEDO, 2019, p. 20), mais livre e humorístico.

E Machado não tratou apenas de política durante os sete anos que teria permanecido como colunista da *Semana Ilustrada*. Em busca de novos temas, o colunista trata também das polêmicas em torno da maçonaria com a Igreja Católica, de espiritismo, da “epidemia de poetas que assola o Brasil” (AZEVEDO, 2019, p. 48), do preço do caixão para defuntos, faz charadas diversas, crítica aos curandeiros, trata dos loucos da cidade, dos “correios amatórios” (como era chamada a moda de os namorados se corresponderem pelos jornais), ironiza anúncios publicitários absurdos e chega até mesmo, em crônica de 9 de maio de 1875, já quase no fim da história da revista, a escrever um poema sem nenhum sentido sobre uma “mulher tricéfala” vista na rua do Ouvidor, conforme se lê nos primeiros versos:

Maravilha anda por cá!
Mulher tricéfala... Olá,
Falei grego! Ai, oxalá
Pudesse, como um Paxá,
Falar turco! Não, não há,
Não houve, nem haverá,
Coisa igual ao b-a-ba
Em grego: é um alvará
Da sabença, que nos dá
O néctar e o maná
Do pasmo público. Vá:
Mulher tricéfala está
Na cidade. Viu-a já?
Três cabeças! Arre lá
É decerto coisa má! (ASSIS, 2019, p. 516).

Para complicar a história, o próprio Machado de Assis chegou a ser ironizado pelo Dr. Semana, em seus exercícios hilários de “crítica literária às avessas”, quando se dedicava a tecer intermináveis elogios a textos literários de péssima qualidade⁶. Na coluna de 29 de setembro de 1872, ele lembra do tempo em que o “amigo íntimo, íntimo” – assim se refere a Machado de Assis – cometia também uma “obra que [...] ressentia-se do entusiasmo nebuloso e palavroso”, e analisa verso por verso o poema “A Um Proscrito” que, segunda nota de Sílvia Maria Azevedo, foi publicado originalmente em *O Espelho* na edição de 18 de setembro de 1859, ou seja, trata-se de um poema juvenil de Machado. Após Dr. Semana reconhecer que “lá se vão uns bons quatorze anos, justamente o tempo necessário para ter nascido um menino, mamado, mudado os dentes, jogado o pião, frequentado a escola e entrado no colégio de Pedro II”, tempo durante o qual “fez-se a guerra da Itália, a do México, a da Dinamarca, a da Abissínia e muitas outras” (ASSIS, 2019, p. 786), o colunista passa a ironizar os versos de Machado. Diz que “há nos versos que desencavei agora [...] matéria para enforcar um homem”, com eles “podia-se fazer um enterro de segunda classe”, que imaginava o poeta “que a política é um conto de cavalaria”, e termina por pedir desculpas ao escritor: “espero que meu amigo me perdoe a notícia que acabo de dar aos leitores” (ASSIS, 2019, p. 786–788). Finalmente, termina por classificar a poesia como “nebulosa e retumbante”... epítetos que nos serviriam para dar uma definição sumária dessas “Badaladas” de Machado de Assis.

ROSA, V. “Nebulous and Resounding”: Notes on the *Badaladas* do Dr. Semana. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 12, n. 1, p. 147-156, 2020. ISSN 2177-3807.

Referências

AZEVEDO, Sílvia Maria. “Machado de Assis e as Badaladas do Dr. Semana”. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Badaladas do Dr. Semana*. Organização, apresentação e notas de Maria Sílvia Azevedo. São Paulo: Nankin Editorial, 2019. v. 1.

GRANJA, Lúcia. Das páginas dos jornais aos gabinetes de leitura: rumos dos estudos sobre as crônicas de Machado de Assis. *Teresa*, São Paulo, n. 6–7, 2005, p. 385–399. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116632>. Acesso em: 18 mar. 2020.

⁶ Magalhães Júnior dedica um capítulo de sua biografia ao gênero de “crítica às avessas” que Machado desenvolveu, e que teria desenvolvido justamente nas páginas da *Semana Ilustrada*: “Já investido no primado da crítica, Machado de Assis escreveu uma série de artigos sobre alguns livros extremamente ruins, fazendo em tom chocarreiro os mais desmedidos elogios a seus quatro autores. Coberto por três pseudônimos, nessas páginas jocosas fingia estar encantado com a leitura de tais livros. A cada um desses autores dedicou vários artigos. Como essas gaiatices literárias foram escritas num período de apenas seis meses, é lícito concluir que estava ensaiando maliciosamente um gênero novo, humorístico, de crítica às avessas, que consistia em louvar exageradamente o que era ruim ou péssimo. Mas sempre com a transcrição de excertos que permitissem ao leitor formar o seu próprio juízo e, portanto, compreender que as tiradas elogiosas – primeiro de Gil e, mais tarde, do Dr. Semana e de Lara – não passavam de enormes gozações nos infelizes escrevinhadores de tais monstruosidades literárias” (MAGALHÃES, 2008, p. 106).

JUNIOR, Raimundo Magalhães. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 v.

_____. Prefácio. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Contos e crônicas*. Prefácio, organização e notas de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro; São Paulo; Bahia: Editora Civilização Brasileira, 1958.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

_____. *Chronicas (1859–1888)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937. 4 v.

_____. *Contos e crônicas*. Prefácio, organização e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro; São Paulo; Bahia: Editora Civilização Brasileira, 1958.

_____. *Badaladas do Dr. Semana*. Organização, apresentação e notas de Maria Silvia Azevedo. São Paulo: Nankin Editorial, 2019. 2 v.

PEREIRA, L. M. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

SOUSA, J. G. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Inst. Nacional do Livro, 1955.

Recebido em: 05 abr. 2020

Aceito em: 12 mai. 2020